

EDGAR ALLAN PÖE

A MÁSCARA DA MORTE  
ESCARLATE

E OUTRAS HISTÓRIAS EXTRAORDIÁRIAS



**FREE BOOKS**

EDGAR ALLAN PÖE

**A MÁSCARA DA MORTE  
ESCARLATE**

**E**

**OUTRAS HISTÓRIAS EXTRAORDIÁRIAS**



Free Books

2024

# CRÉDITOS

**Título:** A Máscara da Morte Escarlate e outras Histórias Extraordinárias.

**Autor:** Edgar Allan Poe (1809 - 1849).

**Tradutor:** Paulo Soriano.

**Ilustração da capa:** Pngwing.

**Imagem do miolo:** R. S. de Farias/Copilot

**Editora:** Free Books Editora Virtual.

**Ano de Publicação:** 2024.

**Local da publicação:** Salvador/BA.

© **das traduções:** Paulo Soriano.

As traduções dos contos “A Máscara da Morte Escarlate” e “Silêncio — Uma Fábula” foram originariamente publicadas sob o pseudônimo de José Jaeger.

# SUMÁRIO

A MÁSCARA DA MORTE ESCARLATE.....	5
O BARRIL DE <i>AMONTILLADO</i> .....	14
MORELLA.....	24
SOMBRA... UMA PARÁBOLA.....	32

## A MÁSCARA DA MORTE ESCARLATE

**H**avia muito tempo que a “Morte Escarlata” devastava todo o país. Jamais uma peste fora tão letal e tão terrível. O sangue era a sua encarnação e o seu sinete: o vermelho e o horror do sangue. Começava com dores agudas, com um desvanecimento súbito, e logo os poros se punham a sangrar abundantemente. Sobrevinha, então, a decomposição. Manchas escarlates no corpo e, notadamente, no rosto da vítima, segregavam-na da humanidade e a afastavam de todo socorro e de toda compaixão. O contágio, o progresso e o fim da enfermidade consumiam apenas meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, intrépido e sagaz. Quando os seus domínios minguaram à metade de almas vivas, convocou um milhar de amigos fortes e de corações alegres, escolhidos entre os cavalheiros e damas da sua corte. E, com eles, formou um refúgio recôndito em uma de suas abadias fortificadas. Tratava-se de uma vasta e magnífica construção, criação dele mesmo, o Príncipe, conforme seu gosto excêntrico e majestoso. Rodeava a construção um muro espesso e elevado, guarnecido de portões de ferro. Uma vez transpostos os muros pelos cortesãos, estes se serviram de fornalha e de vigorosos martelos para soldar os ferrolhos. Deliberaram entrincheirar-se contra os súbitos impulsos ou os desesperos provenientes do exterior e lacrar todas as saídas aos frenesis do interior.

A abadia estava amplamente abastecida. Graças a tais cuidados, os cortesãos poderiam enfrentar o contá-

gio. Que o exterior se arranjasse como pudesse. De sua feita, seria uma loucura afligir a alma com meditações sobre a peste. O príncipe havia fornido aquele refúgio com todos os meios prazerosos. Havia bufões, improvisadores, bailarinos, músicos, formosuras de todas as espécies. E havia, também, o vinho. Todas essas belas coisas havia no interior, além da segurança. Lá fora, disseminava-se a “Morte Escarlata”.

Foi ao fim do quinto ou sexto dia em seu refúgio, enquanto a peste fazia grande estragos além das muralhas, que o Príncipe Próspero proporcionou aos convivas um baile de máscaras da mais insólita magnificência.

Que quadro voluptuoso era o baile de máscaras! Permitam-me descrever os salões onde a o festim ocorreu. Havia uma série de sete salões imperiais. Em muitos palácios, esta série de salões forma amplas perspectivas, em linha reta quando as portas se descerram de par em par, de tal forma que a vista penetra até o fundo, sem qualquer obstáculo. Aqui, o caso era assaz diferente, como se era de esperar da parte daquele Duque e de sua inclinação pelo bizarro. Estavam as salas dispostas de forma tão irregular que a vista não poderia compreender senão um salão de cada vez. Ao término de um espaço de vinte ou trinta jardas, via-se uma brusca curva e, a cada esquina, o ambiente assumia um aspecto diferente. À direita e à esquerda, e ao meio de cada parede, uma alta e estreita janela gótica abria-se para um corredor fechado, que seguia a sinuosidade dos cômodos.

Cada janela era guarnecida de vitrais cujas cores harmonizavam-se com a tonalidade dominante da decoração do salão para o qual se abria. O que ocupava a extremidade oeste, por exemplo, era decorado de azul e os

vitrais eram de um azul vívido. O segundo dos salões era decorado e guarnecido de cor púrpura e os vitrais eram igualmente purpúreos. O terceiro era completamente verde e verdes eram também as janelas. O quarto, alaranjado, estava iluminado por uma janela de igual cor. O quinto era branco e o sexto, violeta. O sétimo era rigorosamente forrado por tapeçaria de veludo negro, que revestia o teto e as paredes, e que caía em pesadas rugas sobre um tapete do mesmo material e de mesma cor. Mas, neste salão, a cor dos vitrais não correspondia ao da decoração: os vitrais eram escarlates, de uma tonalidade intensa de sangue.

Ora, em nenhuma daquelas salas se viam lâmpadas ou candelabros em meio à profusão de adornos em ouro, que se espalhavam em todos os cantos, ou se dependuravam ao teto. Não havia lâmpadas ou velas. Luz alguma dessa natureza emanava na sequência de salas. Porém, nos corredores que as envolviam, exatamente em frente de cada janela, elevava-se uma pesada trípode com um braseiro, a projetar seus raios através dos vitrais coloridos, iluminando deslumbrantemente a sala. Perfazia-se uma miríade de formas cambiantes e fantásticas. Mas, na sala voltada ao poente, na câmara negra, a claridade do braseiro, que se refletia sobre as negras tapeçarias, através dos vitrais sangrentos, era sobremodo sinistra e incidia sobre as faces dos imprudentes que ali entravam, conferindo-lhes um aspecto de tal forma estranho que muitos poucos dançarinos se sentiam com suficiente coragem para penetrar no recinto.

Também nesse salão se erguia, amparado no muro oriental, um gigantesco carrilhão de ébano. Seu pêndulo oscilava com um tique-taque surdo, pesado, mo-

nótono; e quando os ponteiros dos minutos haviam percorrido todo o seu círculo, e a hora se completava, provinha dos pulmões de bronze um som claro, estrepitoso, profundo e extraordinariamente musical, mas de um timbre tão regular que, de hora em hora, os músicos da orquestra eram obrigados a interromper por alguns segundos a execução, para escutar a música das horas; e os dançarinos cessavam, à força, as suas evoluções. Uma momentânea perturbação grassava aquela multidão alegre e, enquanto soava o carrilhão, era possível notar que até os mais arrojados empalideciam e os de maior idade e reflexão passavam a mão à frente, como se abandonados a uma meditação confusa ou a um devaneio. E, mal se dissipava o eco das horas, circulava no ambiente leves risadas. Os músicos olhavam uns aos outros e se riam dos próprios nervos e da própria loucura; e juravam, em voz baixa, que, da próxima vez em que soasse o carrilhão, não sentiriam o mesmo desconforto. Mas, no entanto, quando decorridos os sessenta minutos da hora desaparecida, que continha os três mil e seiscentos segundos; quando irrompia uma nova batida do relógio fatal, reproduzia-se o mesmo estremecimento, os mesmos calafrios e os mesmos devaneios febris.

Apesar disto, a orgia continuava alegre e magnífica. O gosto do Duque era especialmente singular. Tinha a vista apurada para as cores e aos efeitos que estas produziam. Desdenhava dos gostos da moda. Seus planos eram temerários e selvagens e suas concepções brilhavam com um bárbaro esplendor. Alguns o julgavam louco. Mas os seus cortesãos sabiam que não. Todavia, era preciso vê-lo, tocá-lo, para assegurar-se de que ele não estava de fato ensandecido.

Para esse baile, havia o príncipe se ocupado, pessoalmente, da decoração do mobiliário das salas e foi o seu gosto pessoal que elegera o estilo das máscaras. Dúvidas não pode haver de que eram concepções grotescas. Tudo era deslumbrante e brilhante. Havia coisas chocantes, fantásticas, muito do que depois foi visto no “Hernani”. Havia figuras arabescas, com membros e adornos desconformes; fantasias delirantes como a loucura. Havia muito de belo, de licencioso, de bizarro; algo de terrível e não pouco do que produzia repugnância.

Era como se uma miríade de sonhos deslizasse de um lado para o outro nas sete salas. E tais sonhos se contorciam em todos os sentidos, tomando a cor dos salões, fazendo com que a estranha música da orquestra parecesse o eco de seus próprios passos. Mas logo soava o relógio de ébano no salão dos veludos. Então, por um momento, tudo se detinha, tudo emudecia, salvo o ecoar do relógio. Tudo se congelava em suas posturas. Mas os ecos do carrilhão se desvaneceram — não duraram senão um momento —, e, mal se extinguiram, as gargalhadas, mal reprimidas, ecoavam por todos os cantos. E a música voltava a tocar, reavivando os sonhos; aqui e ali os dançarinos retomavam as evoluções, mais alegre do que nunca, refletindo a cor dos vitrais atrás dos quais fluíam os raios do braseiro.

Porém, no salão do extremo ocidental, não havia máscara alguma que se atrevesse a penetrar, porque a noite declinava. Ali se descerrava uma luz de um escarlate profundo, através dos vitrais cor de sangue, e a escuridão das cortinas tingidas de negro era aterradora. E, para aqueles que punham os pés sobre os tapetes, brotava do relógio de ébano um clangor ainda mais pesado, mais

solenemente enérgico do que o que chegava aos ouvidos dos mascarados que se divertiam nos salões mais distantes.

Mas esses outros salões estavam repletos e o coração da vida ali febrilmente pulsava. E o baile continuava, chegava ao seu ápice, quando do carrilhão soou a meia-noite. Então, como já se disse, a música parou; os que dançavam detiveram-se em suas evoluções. E a angustiante imobilidade a tudo dominou. Agora, porém, o carrilhão bateria doze vezes. Desta vez, porque ecoou o mais longamente o carrilhão, inseriram-se nos pensamentos dos que se atiravam à diversão um maior volume de meditações. E talvez, por isso mesmo, muitos do que compunham a multidão, antes de se esgotarem os derradeiros ecos das últimas horas dadas, puderam perceber a presença de um mascarado que, até aquele instante, ninguém notara. E, tendo se espalhado, aos sussurros, a notícia daquela intrusão, insinuou-se na multidão um murmúrio indicativo de surpresa e desaprovação, que evoluiu para o terror, horror e repugnância.

Numa multidão fantasmagórica como a que descrevi, era necessário, sem dúvidas, que fosse a aparição absolutamente extraordinária para ensejar tal sensação. A licenciosidade carnavalesca daquela noite era, realmente, quase sem limites. Mas a personagem em questão havia transcendido à extravagância de um Herodes e ultrapassado os amplos limites do decoro que o Príncipe estabelecera. Há nos mais temerários corações cordas que não se deixam tocar sem emoções. Até entre os depravados, para quem a vida e a morte são igualmente um brinquedo, há coisas com as quais não se pode brincar. Os convivas pareciam sentir, profundamente, a

inconveniência dos trajes e da conduta do estranho. Era ele alto e delgado. Estava envolto com uma mortalha funerária da cabeça aos pés. A máscara, que lhe ocultava as faces, reproduzia fielmente o semblante de um rígido cadáver, que um exame apurado teria dificuldades em perceber o engano. Ora, aquela frenética multidão bem poderia tolerar, e mesmo aprovar, aquela desagradável figura, acaso o mascarado não tivesse adotado a representação da “Morte Escarlata”. Suas roupas estavam enodadas de sangue e a sua ampla testa, assim como as suas feições, salpicadas do horror escarlata.

Quando os olhos do Príncipe Próspero focaram a espectral figura — que, com solenes e enfáticos movimentos, feitos para melhor representar o seu papel, evoluía aqui e ali entre os dançarinos —, caiu numa violenta comoção e estremecimento, tomado pelo terror e pela repugnância. E, segundos depois, sua fronte turvou-se de ira:

— Quem se atreve — perguntou com rouca voz aos cortesãos que o rodeavam -, quem ousa a nos insultar com esta ironia blasfema? Segurem-no e desmascarem-no, para que saibamos a quem iremos enforcar, nos altos das ameias, ao amanhecer!

Encontrava-se o Príncipe Próspero, ao pronunciar estas palavras, no salão oriental, ou câmara azul, e a voz do Príncipe Próspero ressonou potente e clara pelos sete salões, pois o Príncipe era um homem impetuoso e forte, e a música havia cessado a um gesto de sua mão. Estes fatos ocorriam no salão oriental, sendo o Príncipe ladeado por um grupo de pálidos cortesãos. No início, enquanto falava o Príncipe, o grupo se movimentou, levemente, na direção do intruso, que esteve, por um

momento, quase ao alcance de suas mãos, mas que agora, com passos firmes e majestosos, se acercava cada vez mais do Príncipe. Mas, em razão do indefinível terror que a audácia do mascarado havia inspirado em todos aqueles que ali se reuniam, ninguém estendeu a mão para agarrá-lo, mesmo quando, sem qualquer obstáculo, passou a dois passos da pessoa do Príncipe. E tanto que a mesma assembleia, como que obediente a um só movimento, recuou do centro do salão às paredes. O mascarado seguiu, sem interrupção, o seu caminho, com os mesmos passos solenes e bem medidos, com os quais, desde o início, se distinguira, passando da sala azul à púrpura; da sala verde à alaranjada; e desta à branca; e da branca à violeta, sem que houvesse quem o detivesse.

Então o Príncipe Próspero, tomado de ira e de vergonha pela covardia momentânea, precipitou-se através das seis salas, sem que ninguém o seguisse, porque um temor mortal se apoderara de todos os convivas. Brandiu um punhal e se aproximou a uma distância de três ou quatro passos do fantasma que se retirava, quando este último, ao aproximar-se da sala de veludo, voltou-se bruscamente, afrontando aquele que o perseguia.

Ecoou um grito agudo e o punhal caiu, como um relâmpago, sobre o tapete fúnebre, onde o Príncipe o Príncipe Próspero tombou morto, instantaneamente. Então, invocando a frenética coragem do desespero, a multidão de mascarados precipitou-se à sala negra, e, agarrando-se ao desconhecido, que se mantinha imóvel e ereto como uma grande estátua à sombra do carrilhão, viu-se presa de um terror inominável, ao perceber que não havia forma tangível alguma sob a mortalha e sob a

máscara cadavérica. Todos reconheceram, então, que ali estava presente a “Morte Escarlate”. Ela se insinuara como um ladrão noturno.

E todos os convivas tombaram, um a um, nos salões das orgias, manchados de sangue, morrendo na mesma postura desesperada em que desabaram.

E a vida do relógio de ébano se extinguiu com a do último daqueles seres licenciosos. E murcharam as chamas dos braseiros. E as Trevas, e a Ruína e a “Morte Escarlate” deitaram sobre tudo o seu ilimitado domínio.

## O BARRIL DE AMONTILLADO

Suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato; mas, quando estas convolaram-se em insulto, eu jurei vingança. Vós, que tão bem conheceis a natureza de minha alma, não havereis de supor, todavia, que eu lhe tenha proferido uma única ameaça. Finalmente, eu me vingaria. E esta era uma resolução definitivamente tomada. Mas tal deliberação, porque definitiva, excluía a ideia de riscos. Eu não deveria apenas puni-lo, mas puni-lo impunemente. Um mal não está definitivamente reparado se a retribuição recai sobre aquele que se vinga. De igual modo, o mal não estará reparado se aquele que se desforra não se revela àquele contra quem pratica a vingança.

É preciso que se entenda que, nem por palavras nem por atos, dei a Fortunato qualquer motivo para duvidar da minha aparente boa vontade. Continuei, como era meu costume, a sorrir-lhe, sem que ele, todavia, percebesse que, agora, o meu sorriso encorpava a ideia de sua imolação.

Tinha — esse Fortunato — um ponto fraco, malgrado, sob outros aspectos, fosse ele um homem digno de respeito e, mesmo, de temor. Orgulhava-se de seu conhecimento sobre os vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito virtuoso. Ordinariamente, o seu entusiasmo, adotado em função do momento e da oportunidade, visa à prática da impostura em detrimento dos milionários ingleses e austríacos. No que concerne à pintura e à gemologia, Fortunato era — como os seus compatriotas — um charlatão; contudo, em matéria de vinhos enve-

lhecidos, ele era sincero. Neste ponto, eu não diferia substancialmente dele: eu era um especialista em safras italianas, e as comprava, em grande quantidade, sempre que possível.

Foi ao anoitecer, numa noite de suprema loucura da época carnavalesca, que encontrei o meu amigo. Ele se aproximou de mim excessivamente vívido, pois havia bebido muito. O homem estava a caráter. Usava uma fantasia justa, listrada e tinha na cabeça um chapéu cônico, guarnecido de guizos. Fiquei tão feliz em encontrá-lo que não queria mais deixar de apertar-lhe a mão.

Disse-lhe:

— Meu caro Fortunato, felizmente eu te encontrei. Estás com um aspecto extraordinário! Mas o caso é que eu recebi um barril de algo que dizem ser *Amontillado*, mas tenho as minhas dúvidas.

— Como? — disse ele. — *Amontillado*... Um barril? Impossível! E em pleno Carnaval?

— Lá tenho as minhas dúvidas! — respondi. E fui suficientemente ingênuo para pagar o preço do *Amontillado* sem primeiro consultá-lo. Mas não o encontrei oportunamente e tive medo de perder um bom negócio.

— *Amontillado!*

— Eu tenho lá as minhas dúvidas.

— *Amontillado!*

— E as quero dirimir.

— *Amontillado!*

— Mas, como estás ocupado, consultarei Luchesi. Se há alguém com espírito crítico, esse alguém é ele. Ele me dirá se...

— Luchesi não consegue distinguir o *Amontillado* de um xerez.

— No entanto, sobejam uns tolos a dizerem que o paladar de Luchesi rivaliza com o teu.

— Venha, vamos embora.

— Para onde?

— Para a tua adega.

— Não, meu amigo! Não! Não abusarei de tua benevolência. Sei que tens um compromisso. Luchesi...

— Não tenho compromisso algum. Vem.

— Meu amigo, não. Não é o compromisso, mas — como vejo — o intenso resfriado que te aflige. As minhas adegas são insuportavelmente úmidas. Estão incrustadas de salitre.

— Assim mesmo, sigamos! Um resfriado não é nada. *Amontillado!* Passaram-te a perna. E quanto a Luchesi, ele não consegue distinguir o xerez de um *Amontillado*.

Assim falando, Fortunato apossou-se do meu braço; e, pondo uma máscara de seda preta e a capa<sup>1</sup>, deixei que ele me conduzisse ao meu *palazzo*.

Não havia criados em minha casa; haviam fugido à fanfarra, em louvor à época do ano. Eu lhes dissera que só regressaria de manhã e tinha-lhes dado ordens explícitas para não saírem de casa. Estas ordens eram suficientes — eu bem sabia — para assegurar o imediato sumiço — de todos e cada um —, assim que eu lhes desse as costas.

Tirei dois archotes das suas arandelas e, entregando um deles a Fortunato, fiz-lhe uma vênia, eu o conduzi, passando ao longo de vários aposentos, até o arco que dava para a adega. Desci uma longa escadaria espi-

---

<sup>1</sup> No original, *roquelaire*.

ralada, recomendando-lhe cautela enquanto me seguia. Chegamos, finalmente, ao pavimento subterrâneo e paramos juntos no chão úmido das catacumbas dos Montessor.

O meu amigo caminhava com passos trôpegos, e os guizos de seu chapéu tilintavam à medida que ele avançava.

— E o barril? — perguntou.

— Está mais adiante — disse-lhe. — Mas vê como brilham as teias brancas nas paredes desta caverna.

Voltou-se para mim e fitou-me nos olhos com duas órbitas turvas, que destilavam a reima da embriaguez.

— Salitre? — perguntou ele, por fim.

— Salitre — respondi-lhe. — Há quanto tempo tens essa tosse?

— Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof!

O meu pobre amigo não conseguiu responder durante alguns bons minutos.

— Não é nada — disse ele, afinal.

— Vamos — disse eu, decidido. — Voltemos. A tua saúde é preciosa. És rico, respeitado, admirado, amado. Tu és feliz, como eu já fui um dia. És um homem de quem se pode sentir a falta; quanto a mim, somente indiferença. Mas voltemos. Cairás doente e eu não quero ser o responsável por isto. Além disso, Luchesi...

— Basta! — exclamou. — A tosse não é nada. Não me vai matar. Eu não morrerei de tosse.

— Sim, sim! Estás certo. E, de fato, não tenho qualquer intenção em alarmá-lo desnecessariamente —

respon­di. — Mas de­ve­mos ter toda cau­te­la. Um gole des­te *Medoc* irá nos pro­te­ger des­ta umi­da­de.

En­ão, des­ar­rol­hei, de uma lon­ga fi­lei­ra em­bo­lo­ra­da, uma gar­ra­fa.

— Be­be — disse, ofe­recen­do-lhe o vi­nho.

Ele le­vou a be­bi­da aos lá­bios com um ol­har ma­li­cioso. Fez uma pau­sa e acenou-me fa­mi­liar­men­te com a ca­be­ça, en­quan­to os seus guizos tilin­ta­vam.

— Eu be­bo — disse ele — em ho­menagem aos mor­tos que nos ro­deiam.

— E eu, à tua lon­ga vi­da.

Tomou no­va­men­te no meu bra­ço e pro­se­gui­mos.

— Estas ca­ves — disse ele — são bem am­plas.

— Os Montresor — respon­di — eram uma famí­lia dis­tin­ta e nu­me­ro­sa.

— Esqueci-me de teu brasão.

— É um enor­me pé hu­mano do­ra­do, sobre um cam­po azul; o pé es­ma­ga uma ser­pen­te rampante, cujas presas estão crava­das no calcanhar.

— E o lema?

— *Nemo me impune lacessit*<sup>2</sup>.

— Ótimo! — disse ele.

O vi­nho cin­tilava-lhe nos ol­hos e os si­nos tilin­ta­vam. Com o *Medoc*, a mi­nha fan­ta­sia en­chia-se de calor. Ha­víamos pas­sa­do por lon­gas pa­re­des de ossos em­pil­ha­dos, com barris e tonéis mis­tu­ra­dos, para os mais ín­ti­mos recantos das cata­cumbas. Fiz uma nova pau­sa e, des­ta vez, atre­vi-me a a­gar­rar Fortunato por um bra­ço, acima do cotovelo.

---

<sup>2</sup> Ninguém me provoca impunemente.

— O salitre! — disse. — Nota como o salitre se amplia. Gruda-se como musgo nas abóbadas. Estamos embaixo do leito do rio. As gotas de umidade escorrem entre os esqueletos. Vem. Voltemos, antes que seja tarde demais. A tua tosse...

— Não é nada — disse ele. — Sigamos em frente. Antes, porém, mais um trago do Medoc.

Abri e dei-lhe uma garrafa de *De Grave*. Ele esvaziou-a de um só fôlego. Os seus olhos cintilaram com uma feroz luminosidade. Riu-se e atirou a garrafa para cima, fazendo um gesto cujo significado eu ignorava.

Surpreso, olhei para ele. Ele repetiu o movimento — um movimento grotesco.

— Não compreendes? — disse-me ele.

— Não — respondi-lhe

— Então, não és da Irmandade.

— Como?

— Não és maçõn.

— Sou, sim — disse-lhe. — Sou, sim.

— Tu? Impossível! Um pedreiro?

— Um pedreiro — respondi.

— Uma senha! — disse. — Uma senha!

— Ei-la — respondi, tirando das dobras de minha capa uma colher de pedreiro.

— Estás brincado! — ele exclamou, recuando alguns passos. — Mas passemos ao *Amontillado*.

— Assim seja — disse-lhe, pondo a ferramenta sob a capa e oferecendo-lhe novamente o braço. Ele apoiou-se-me firmemente. Continuamos o nosso percurso em busca do *Amontillado*. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, avançamos e voltamos a descer, chegando a uma cripta profunda, onde a atmosfera

infecta fazia com que os nossos archotes mais cintilassem do que ardessem.

Numa das mais remotas extremidades da cripta, outra surgia, menos espaçosa. As suas paredes haviam sido forradas com despojos humanos, empilhados até a abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados desta cripta interior conservavam aquele ornamento. No quarto, os ossos tinham sido arrancados e jaziam promiscuamente no piso, formando montículo um tanto elevado. O interior da parede, que assim se expusera pela remoção dos ossos, vislumbramos de uma cripta — ou recesso — ainda mais profundo, com cerca de quatro pés de profundidade, três de largura e seis ou sete de altura. Semelhava não ter sido construída a qualquer fim específico, eis que parecia apenas o intervalo entre dois dos colossais suportes do teto das catacumbas, e era encerrada por uma das paredes circundantes de granito sólido.

Foi em vão que Fortunato, erguendo a sua baça tocha, tentou perscrutar a profundidade daquele recesso. A débil luz do archote não nos permitia vislumbrar o seu fim.

— Prossegue — disse. — Aí dentro está o *Amon-tillado*. Quanto a Luchresi...

— Ele é um ignorante — interrompeu o meu amigo, dando um passo vacilante, comigo em seu imediato encalço. Num instante, ele chegou à extremidade do nicho e, verificando que a rocha lhe impedia o avanço, ficou estupidamente desorientado. Um momento mais e eu tinha-o agrilhado ao granito. Havia, na superfície, duas argolas de ferro, distantes uma do outra cerca de dois pés, na horizontal. De uma delas pendia uma corrente curta e,

do outra, um cadeado. Passando-lhe os elos em torno de sua cintura, prendê-lo não levou mais que alguns segundos. Ele estava sobremodo estarecido para resistir. Retirando a chave, recuei-me do recesso.

— Passa a mão sobre a parede — disse-lhe. — Não podes deixar de sentir o salitre. De fato, tudo é muito úmido. Mais uma vez, peço-te que regreses. Não? Então tenho mesmo que deixar-te. Antes, porém, devo-te todas as pequenas atenções que me estiverem ao alcance.

— O *Amontillado*! — exclamou o meu amigo, que ainda não se recuperara do espanto.

— Sim, é verdade — respondi. — O *Amontillado*.

Enquanto dizia estas palavras, ocupava-me com o monte de ossos de que já falei. Atirando-os para o lado, pus a nu uma quantidade de pedras de cantaria e argamassa. Com tais materiais, e com a ajuda da minha colher de pedreiro, comecei a construir, vigorosamente, uma parede à entrada do nicho.

Mal tinha assentado a primeira camada de alvenaria, descobri que a embriaguez de Fortunato se havia, em grande parte, dissipado. Um grito baixo, como um lamento, vindo das profundezas do recesso, foi o primeiro indício. Aquele não era o grito de um homem embriagado. Seguiu-se, então, um longo e obstinado silêncio. Assentei a segunda fileira de pedras; depois, a terceira e a quarta. Foi quando ouvi as furiosas vibrações da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para poder ouvi-lo com maior satisfação, interrompi o meu trabalho e sentei-me sobre os ossos. Quando, finalmente, o ruído arrefeceu, retomei a colher e terminei, sem nova interrupção, a quinta, a sexta e a sétima fileiras. A parede estava agora quase ao nível do meu peito. Parei

novamente e, erguendo o archote sobre a alvenaria, lancei alguns débeis raios de luz sobre a figura que jazia lá dentro.

Uma sucessão de gritos altos e estridentes, que irromperam subitamente da garganta daquela figura acorrentada, pareceu empurrar-me violentamente para trás. Por um breve momento hesitei, tremi. Desembainhando o meu florete, com ele me pus a tatear a reentrância; mas um súbito pensamento me devolveu a tranquilidade. Passei a minha mão sobre a sólida parede das catacumbas e me dei por satisfeito. Voltei a aproximar-me da parede. Respondi aos gritos daquele que clamava. Fiz eco, coro, ultrapassei-o em volume e em força. Feito isto, calou-se o suplicante.

Era meia-noite e a minha tarefa terminava. Eu havia concluído as oitava, nona e décima camadas. Havia concluído parte da última, a décima primeira. Faltava-me, tão somente, assentar e rebocar uma única pedra. Lutando contra o seu peso, coloquei-a, parcialmente, no seu lugar. Mas, então, veio do nicho um riso baixo, que me eriçou os cabelos. Sucedeu-lhe uma voz triste, que tive dificuldade em reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

— Ha! ha! ha!... He! he!, he! Que bela piada! Efectivamente, uma excelente piada! Vamos rir-nos muito com ela no *palazzo*. He! he! he! he! E com um bom vinho! He! he! he!

— O *Amontillado*! — eu disse.

— He! he! he! he!... He! he! he! he! Sim, o *Amon-tillado*. Mas não está ficando tarde? Não estarão à nossa espera no *palazzo* a senhora Fortunato e os demais? Vamo-nos embora.

— Sim — disse-lhe —, vamo-nos embora.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim — disse eu —, pelo amor de Deus!

Em vão, esperei por uma resposta a estas palavras. Fiquei impaciente. Chamei em voz alta:

— Fortunato!

Não houve resposta. Chamei de novo...

— Fortunato!

Novamente, não houve resposta alguma. Enfiei uma tocha pela abertura remanescente e deixei-a cair. Em resposta, ouvia-se somente o tilintar dos guizos. O meu coração oprimia-me: era o resultado da umidade das catacumbas. Apressei-me a concluir o meu trabalho. Com esforço, assentei a última pedra no lugar adequado, rebocando-a com a argamassa. Sobre a nova parede de alvenaria, voltei a erguer a velha muralha de ossos. Por meio século, nenhum mortal jamais os perturbou. *In pace requiescat!*

## MORELLA

Αυτο καθ' αυτο μεθ' αυτου, μονο ειδες αιει αιει ον.  
O mesmo, por si mesmo, consigo mesmo, eterna e ho-  
mogeneamente.  
Platão. Sympós.

Era com um sentimento de afeto profundo, conquanto singular, que eu considerava a minha amiga Morella. Tendo-a conhecido ocasionalmente há muitos anos, a minha alma, desde o nosso primeiro encontro, ardeu num fogo que eu jamais conhecera; mas esse fogo não era o de Eros e, para meu espírito, a gradual convicção de que eu não podia definir o seu insólito significado, nem regular a sua vaga intensidade, representava um amargo tormento. Ainda assim, nós nos encontramos; e o destino nos uniu no altar; jamais falei de paixão, nem pensei no amor. Ela, no entanto, evitava a sociedade e, apegando-se apenas a mim, fazia-me feliz. É uma felicidade admirar-se; é uma felicidade sonhar.

A erudição de Morella era profunda. Como espero mostrar, seus talentos não eram comuns — sua potência mental era gigantesca. Eu o percebi e, em muitos aspectos, tornei-me seu discípulo. Logo, no entanto, descobri que, talvez por haver-se educado em Presburg, ela me apresentava alguns daqueles escritos místicos que geralmente são considerados meras escórias da literatura alemã primitiva. Esses escritos — não posso imaginar por que razão — constituíam os seus favoritos e constantes estudos e se, com o passar do tempo, eles se tornaram também os meus, devo atribuir tal efeito à singela — malgrado eficaz — influência do hábito e do exemplo.

Com tudo isso, se não me engano, minha razão pouco tinha a ver. Minhas convicções — ou olvido o meu próprio intelecto — não se radicavam jamais em um ideal, nem seria possível descobrir — a menos que eu esteja muito enganado — qualquer vestígio de misticismo no que eu já havia lido, em meus atos ou em meus pensamentos. Persuadido disso, abandonei-me cegamente à orientação de minha esposa e penetrei de todo coração nas complexidades de seus estudos. E, então — quando, debruçado sobre as páginas proibidas, eu sentia um espírito maldito acendendo-se dentro de mim —, Morella pousava a sua mão fria sobre a minha e retirava das cinzas de uma filosofia morta algumas palavras graves e singulares, cujo estranho significado incrustava-se em minha memória. E, depois, hora após hora, eu me demorava ao lado dela, na musicalidade de sua voz, até que, finalmente, aquela melodia ficava impregnada de terror, e uma sombra caía sobre minha alma, e eu empalidecia e estremecia intimamente de entremeio àquelas modulações imensamente sobrenaturais. Desta maneira, a alegria de repente se convolava em Horror, e o mais belo se tornava o mais horrendo, como Hinnom se tornou Ge-Henna.

É desnecessário expressar o caráter exato dessas dissertações que, emergindo dos volumes que mencionei, formaram, por tanto tempo, quase o único tema de conversação entre Morella e eu. Os eruditos, versados naquilo que pode ser denominado moralidade teológica, facilmente o entenderiam, ao passo que os não sábios pouco teriam a assimilar e compreender. O selvagem panteísmo de Fichte; a paligenesia modificada dos Pitagóricos e, acima de tudo, as doutrinas da identidade, conforme de-

fendidas por Schelling, eram geralmente os pontos de discussão que ofereciam maior beleza à imaginativa Morella. Segundo o define precisamente o Sr. Locke, essa identidade, chamada pessoal, consiste na permanência do ser racional. E como por pessoa entendemos uma essência inteligente, e como há sempre uma consciência dotada de razão, é a esta que chamamos de nós mesmos. E tal consciência nos distingue dos demais seres pensantes e nos confere uma identidade pessoal. Mas o *principium individuationis* — a noção dessa identidade que na morte se perde ou não se perde para sempre — constituía, para mim, em todos os momentos, uma questão de intenso interesse, não somente pela natureza perplexa e excitante de suas consequências, mas, também, pela maneira marcante e frenética com que Morella discorria sobre o assunto.

Mas, de fato, chegou a hora em que o mistério do caráter de minha esposa passou a oprimir-me como um feitiço. Eu não aguentava mais o toque de seus dedos pálidos, nem a modulação profunda de sua linguagem musical, nem o brilho de seus olhos melancólicos. E ela sabia de tudo isto, mas não me censurava; ela parecia consciente de minha fraqueza ou de minha loucura e, sorrindo, chamava-as de Destino. Ela parecia, também, consciente da fonte, por mim desconhecida, do gradual arrefecimento de meu afeto; todavia, não me dava nenhuma explicação ou aludia à natureza daquela causa. No entanto, ela era apenas uma mulher e definhava a cada dia. Com o tempo, uma indelével mancha carmesim fixou-se em sua face e as veias azuis, em sua fronte, fizeram-se salientes; chegou um momento em que o meu espírito pusera-se a desfazer-se em compaixão; mas, em seguida,

quando eu vislumbrava o seu olhar repleto de pensamentos, a piedade convertia-se em mal-estar.

Devo, então, afirmar que eu aguardava, intensa e fervorosamente, o momento da morte de Morella? Assim o era. Mas seu frágil espírito agarrara-se àquele invólucro de barro por muitos dias — por muitas semanas e meses cansativos —, até que meus nervos torturados exerceram o domínio sobre a razão; e fiquei furioso com tal adiamento e, com o coração de um demônio, amaldiçoei os dias, as horas e os momentos amargos que pareciam se alongar, cada vez mais, à medida que sua nobre vida declinava, como sombras minguando ao ocaso.

Mas, numa noite de outono em que os ventos serenavam no céu, Morella chamou-me à cabeceira. Havia uma névoa sobre toda a terra e um calor resplandecente sobre as águas: poder-se-ia dizer que um arco-íris, caído do firmamento, fulgurava entre as ricas folhagens de outubro da floresta.

— Este é o dia entre os dias — disse ela, quando eu me aproximei. — Um dia, entre todos os dias, para viver ou morrer! É um belo dia para os filhos da Terra e da vida; mas — ai! — ainda mais belo para as filhas do Céu e da morte!

Beijei-lhe a fonte e ela continuou:

— Estou morrendo; no entanto, viverei.

— Morella!

— Nunca houve dias em que tu pudeste me amar; mas àquela com quem em vida te enfadaste, na morte deverás adorar.

— Morella!

— Repito que estou morrendo. Mas dentro de mim há uma recordação daquele afeto — ah, quão pouco

afeto! — que sentiste por mim, por Morella. E quando meu espírito partir, a criança viverá — teu filho e meu, o filho de Morella. Mas os teus dias serão dias de tristeza — aquela tristeza que é o mais duradouro dos sentimentos, como o cipreste é a mais duradoura das árvores. Pois as horas de tua felicidade acabaram, e não se colhe a alegria duas vezes na vida, assim como não se colhem as rosas de Paestum duas vezes no ano. Não mais jogarás com o tempo o jogo do homem de Teos; mas, sendo tu ignorante da murta e da videira, carregarás contigo tua mortalha na terra, como faz em Meca um muçulmano.

— Morella! — gritei. — Morella, como sabes disso?

Mas ela virou o rosto sobre o travesseiro e um leve tremor percorreu seus membros; ela morreu, e eu não mais ouvi a sua voz.

No entanto, tal como ela havia predito, seu rebento — o rebento que, ao morrer, ela dera à luz, e que não começou a respirar até que a mãe deixasse de fazê-lo — nasceu. Era uma menina. E ela cresceu insolitamente; estranhamente evoluiu em intelecto, e era a perfeita semelhança daquela que havia partido; eu lhe devotei um amor mais fervoroso do que eu acreditava ser possível sentir por qualquer habitante da terra.

Mas, em pouco tempo, o céu dessa pura afeição entenebreceu, e a escuridão, o horror e a aflição varreram-na em nuvens. Já disse que a criança cresceu estranhamente em estatura e inteligência. Singular, de fato, foi seu rápido aumento no tamanho corporal, mas terríveis — oh, terríveis! — eram os pensamentos tumultuosos que se apoderavam de mim enquanto eu lhe observava o desenvolvimento intelectual. Poderia ser de outra forma, se eu

descobria, dia a dia, nas concepções da criança, a potência e faculdades adultas da mulher? Se as lições da experiência se desprendiam dos seus lábios de criança? Se eu via, a cada hora, a sabedoria ou as paixões da maturidade reluzindo em seu amplo e especulativo olhar? Como digo, tudo isso se tornou tão evidente para meus sentidos apavorados que eu não pude mais escondê-lo de minha alma e, menos ainda, furtá-lo à minha percepção estarecida. Assim, como seria possível estranhar que uma suspeita de natureza assustadora e excitante se insinuasse em meu espírito, ou que os meus pensamentos se voltassem, espantados, para os contos selvagens e as emocionantes teorias da sepultada Morella? Arranquei à curiosidade do mundo um ser que o destino me compeliu a adorar e, no rigoroso isolamento de meu lar, observei, com atroz ansiedade, tudo o que dizia respeito à minha amada criatura.

E, à medida que os anos passavam, eu contemplava, dia após dia, o seu rosto santo, suave e eloquente, e a via crescer. Descobri, então, novos pontos de semelhança entre a criança e sua mãe, entre a criança melancólica e a morta. E, cada vez mais, essa nuvem de semelhança se tornava mais espessa e completa, mais definida, mais inquietante e assustadoramente terrível em todos os seus aspectos. Que o sorriso da menina fosse como o da mãe, eu podia suportar, mas prontamente aquela perfeita identidade me fazia estremecer. Que seus olhos fossem iguais aos de Morella, eu também suportaria; mas eles mergulhavam, frequentemente, nas profundezas de minha alma com o intenso e desconcertante pensamento da própria Morella. E no contorno de sua fronte alta, nos cachos de seus cabelos sedosos, nos dedos pálidos que ela enterrava nas madeixas, na triste entonação melódica de

sua voz e, acima de tudo — oh, acima de tudo! —, nas frases e expressões da mulher morta sobre os lábios da minha amada — da viva —, alimentava-se o terrível pensamento devorador, o verme que se recusava a morrer.

Assim se passaram dois lustros de sua vida, e a minha filha permanecia sem nome sobre a terra. “Minha filha” e “meu amor” eram as designações geralmente provocadas pela minha afeição de pai, e a rígida reclusão de sua existência impedia todas as outras. O nome de Morella havia morrido com ela. Nuca falei da mãe à filha; era-me impossível falar-lhe. Na verdade, durante o breve período de sua existência, a criança não recebera quaisquer impressões do mundo exterior, exceto as que poderiam ser proporcionadas pelos estreitos limites de sua privacidade.

Mas, finalmente, a cerimônia do batismo apresentou-se ao meu espírito, naquele estado de nervosismo e agitação, como a iminente libertação dos terrores de meu destino. E, na pia batismal, hesitei na escolha de nome. E vários nomes que evocavam sabedoria e beleza, dos tempos antigos e modernos, de minha própria terra e de terras estrangeiras, cumularam-se em meus lábios, assim como muitos outros que inspiravam a nobreza, a felicidade e a bonomia. O que me levou, então, a perturbar a memória da morta enterrada? Que demônio me incitou a suspirar aquele nome, cuja tão só lembrança fazia refluir o meu sangue púrpura em torrentes, das têmperas ao coração? Que demônio falou do fundo de minha alma, quando em meio àqueles corredores sombrios e no silêncio da noite, sussurrei aos ouvidos do homem santo as sílabas “Morella”? Que ente mais que demoníaco retorceu as feições de minha filha, e as cobriu com tons da

morte quando, estremeando àquele nome quase inaudível, ela voltou seus límpidos olhos para o céu, e, caindo prostrada sobre as negras lousas de nossa cripta ancestral, respondeu:

— Eis-me aqui!

Estas simples e breves palavras caíram, calma e friamente distintas, em meus ouvidos, e dali, como chumbo derretido, escorreram, sibilando, por meu cérebro adentro. Os anos podem passar, mas as lembranças daquele dia, jamais! Certamente, eu não ignorava as flores e a videira; mas o abeto e o cipreste lançaram as suas sombras sobre mim noite e dia. Perdi a noção de tempo e lugar, e as estrelas de meu destino desvaneceram no céu; desde então, a terra entenebreceu e as suas figuras passavam por mim como sombras esvoaçantes, e, dentre todas, eu só enxergava uma: Morella! Os ventos do firmamento suspiravam apenas um nome em meus ouvidos, e as ondas do mar murmuravam eternamente: Morella! Mas ela morreu; e, com minhas próprias mãos, levei-a ao sepulcro; e ri com um riso amargo e prolongado quando não descobri, na cripta em que sepultei a segunda, quaisquer vestígios da primeira Morella.

## SOMBRA... UMA PARÁBOLA

E, ainda que eu caminhe através dos vales da Sombra...  
Salmo de Davi

Vós, que me ledes, estais vivo; mas eu, que escrevo, há muito declinei em meu caminho para as regiões das sombras. Porque estranhas coisas ocorrerão e coisas secretas serão reveladas; e muitos séculos terão decorrido até que os homens leiam estas memórias. E, quando as virem, alguns não lhe darão crédito e outros irão duvidar; contudo, uns poucos encontrarão razões para meditar sobre os caracteres aqui gravados com férreo estilete.

O ano tinha sido de terror e de sensações muito mais intensas que o terror, para as quais não existe nome sobre a terra. Pois se sucederam muitos prodígios e muitos sinais e, em toda parte, sobre o mar e sobre a terra, estendiam-se as asas da Peste. Para aqueles outros, doutos na leitura das estrelas, não era estranho que os céus revelassem uma fisionomia de desgraças; mas, para mim, o grego Óinos, e para os meus companheiros, era evidente que havia chegado a alternância daquele ciclo de setecentos e noventa e quatro anos em que, à entrada de Áries, o planeta Júpiter cai em conjunção com o anel vermelho do terrível Saturno. O espírito característico dos céus, se muito não me engano, era visível não apenas no orbe físico da Terra, mas, igualmente, nas almas, na imaginação e excogitações da humanidade.

Sentados em volta de algumas garrafas de vinho tinto de Quios, na sombria cidade de Ptolomais, formávamos nós, à noite, um grupo de sete pessoas. Não havia, em nossa sala, outra entrada senão a enorme porta de

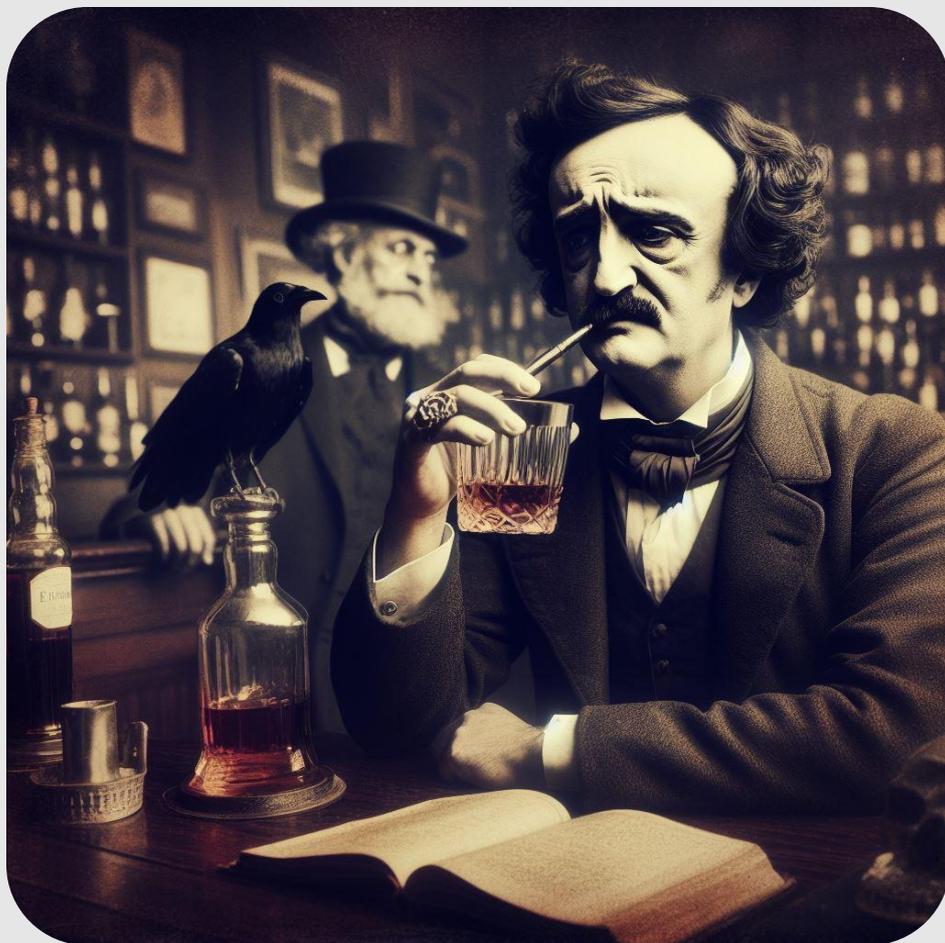
bronze, que havia sido fundida pelo artista Corino; era de rara compleição e estava trancada por dentro. No sombrio aposento, negras cortinas alijavam-nos da visão da Lua, das fúnebres estrelas e das ruas desertas. Mas o preságio e a lembrança do mal não podiam ser excluídos. Em torno de nós e dentro de nós coisas havia que não podem ser descritas — coisas materiais e espirituais: uma atmosfera pesada, uma sensação de sufocamento, de ansiedade e, sobretudo, esse terrível estado de existência em que os nervos experimentam quando os sentidos estão vivos e despertados, ao passo em que as faculdades da mente estão inativas. Um peso mortal nos afligia. Caía sobre os nossos corpos, sobre os móveis e sobre os copos. E tudo era depressivo e tenebroso, salvo as chamas de sete lâmpadas de ferro que alumiam a nossa orgia: alçando-se em altos e delgados espectros de luz, permaneciam elas ardendo, pálidas e imóveis. E no espelho que o seu reluzir formava sobre a mesa redonda de ébano, em torno da qual nos reuníamos, cada um contemplava a palidez de seu próprio semblante e reparava no inquieto brilho dos olhares de seus companheiros. Entretanto, ríamos. E estávamos alegres ao nosso próprio modo histérico. E cantávamos as canções de Anacreonte, que eram ensandecidas, e bebíamos muito, ainda que o vinho púrpura lembrasse-nos a cor do sangue. Porque havia outro companheiro ali na sala: o jovem Zoilo jazia morto, estendido e amortalhado, como se fosse o gênio e o demônio da cena. Mas... Ah! Ele não participava de nossa alegria, salvo o seu rosto, convulsionado pela peste; e seus olhos, nos quais a Morte apenas havia apagado a metade do fogo da pestilência, pareciam ter um certo interesse no nosso júbilo, o mesmo júbilo que os mortos sentem por aqueles que irão

morrer. Mas ainda que eu, Óinos, sentisse que os olhos do defunto estavam fixos em mim, constrangia-me a não perceber a amargura de sua expressão, e, enquanto contemplava fixamente as profundezas do espelho de ébano, em voz alta e sonora cantava as canções dos filhos de Téos. Mas, pouco a pouco, minhas canções foram cessando e seus ecos, perdendo-se nas sombrias cortinas da sala, minguaram até se tornarem inaudíveis, e desvaneceram-se completamente. Mas eis que dentre aquelas cortinas, onde os ecos do canto morriam, penetrou uma sombra obscura e indefinida. Uma sombra como a da Lua quando se inclina no céu e assume a fisionomia de um homem; mas aquela não era a sombra de um homem, nem de Deus, nem de um deus da Grécia ou da Cadeia, ou mesmo do Egito. E a sombra postava-se sobre a entrada de bronze, por baixo do arco da porta, sem um movimento, sem dizer palavras, e ali, imóvel, deixou-se ficar. Se bem me recordo, os pés do amortalhado Zoilo voltavam-se para a porta na qual a sombra descansava. Mas nós, os sete ali reunidos, tendo visto a sombra, no momento em que ela avançava sobre os cortinados, não nos atrevemos a contemplá-la fixamente, senão baixamos os olhos e miramos as profundezas do espelho de ébano. Finalmente eu, Óinos, balbuciando em voz baixa, perguntei à sombra qual a sua morada e seu nome. E a sombra respondeu:

— Eu sou a SOMBRA e a minha morada jaz nas proximidades das Catacumbas de Ptolomais, junto às lúgubres planícies de Helusão, que margeiam o imundo canal de Caronte.

Então, levantamo-nos os sete de nossas cadeiras, tomados de horror, trêmulos, pálidos, porque o tom de

voz da sombra não era o de um único ser, mas o de uma multidão de seres; e, variando em suas modulações, de uma sílaba para outra, penetrava obscuramente em nossos ouvidos, com inflexões familiares, e bem lembradas, dos muitos milhares de amigos que já morreram.



*Free Books*

<http://www.freebookseditora.com>

---

Na composição deste livro, empregaram-se as fontes Palatino Lynotype, Brush Script  
MT e Medieval Daze.

---